



A EMERGÊNCIA DA IDENTIDADE PAN-AFRICANA NOS DISCURSOS E OBRAS DE MÁRIO PINTO DE ANDRADE

THE EMERGENCY OF PAN-AFRICAN IDENTITY IN THE SPEECHES AND WORKS OF MÁRIO PINTO DE ANDRADE

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.19559>

Fábio Eduardo Cressoni

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

 <https://orcid.org/0000-0002-1837-2182>

cressoni@unilab.edu.br

Wendel Damasceno Oliveira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

wendel230@hotmail.com

Recebido em 30 de outubro de 2023

Aceito em 22 de novembro de 2023

RESUMO: Este artigo possui como objeto de estudo os discursos presentes nas obras literárias de Mário Pinto de Andrade, intelectual e primeiro presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola. A problemática deste trabalho é quais as transformações ocorridas na identidade pan-africana durante o processo de luta anticolonial e de libertação nacional ocorrido nas colônias portuguesas. O objetivo deste trabalho é analisar as relações entre a identidade pan-africana e as produções discursivas presentes nas obras literárias de Andrade, que serão analisadas a partir dos princípios e procedimentos da Análise do Discurso. Os sujeitos e as identidades se constituem nos discursos (BRANDÃO, 2004). Neste sentido, os discursos foram analisados a partir da confluência entre a formulação dos discursos em suas condições de produção e na constituição do discurso no interdiscurso (ORLANDI, 2015).

ABSTRACT: This paper has as its object of study the speeches present in the works of Mário Pinto de Andrade, intellectual and first president of the Angolan Popular Liberation Movement. A problem of this work is what changes occur in pan-African identity during the process of anticolonial struggle and national liberation that took place in the Portuguese colonies. The aim of this paper is to analyze the relationship between Pan African identity and the discursive productions present in Andrade's literary works, which will be analyzed from the discourse analysis principles and procedures. The subjects and identities identified in the speeches (BRANDÃO, 2004). In this sense, the discourses were analyzed from the confluence between the application of discourses in their conditions of production and constitution of discourse in interdiscourse (ORLANDI, 2015).

Palabras-clave: Análise do Discurso. História. Identidade Pan-Africana. Colonialismo.

Keywords: Discourse Analysis. History. Pan African Identity. Colonialism.

Introdução

O continente africano passou por intensas transformações entre a Conferência de Berlim (1885) e a Independência de Gana (1958) primeira nação que conquistou a emancipação política da África subsaariana. Neste período, a ideologia política do pan-africanismo promoveu a constituição de uma nova identidade africana, que se inscreveu na história das lutas de resistências africanas na diáspora e no continente africano pela libertação do jugo colonial e escravista (NASCIMENTO, 2008, p. 161).

Para Devés-Valdés (2008, p. 110-111), o pan-africanismo de primeira geração de Henry Sylvester Williams, em 1900, defendeu os negros do mundo de todas as formas de abuso e exploração; de segunda geração, formulado por W.E.B. Du Bois, em 1920, consistiu em articular os negros do mundo com o objetivo de obter igualdade de direitos; de terceira geração, liderado por George Padmore e Kwame Nkrumah, alcançou seu auge no Congresso Pan-Africanista de Manchester de 1945, que propôs a independência dos povos africanos da tutela colonial; de quarta geração, em 1960, formulado por Nkrumah, apostou na unidade dos Estados do continente africano para lutar contra o neocolonialismo.

O V Congresso pan-africanista de Manchester (1945) foi um momento de inflexão no pan-africanismo, na medida em que os africanos tornaram-se os representantes majoritários deste movimento político, defendendo a total libertação da África (KODJO e CHANAIWA, 2010, p. 897). Neste período, o dilema estrutural do pan-africanismo era estar entre o nacionalismo e o internacionalismo (NAVARRO ALVORADO, 2018, p. 272).

Neste sentido, nosso objeto de estudo é a emergência da identidade pan-africana nos discursos existentes na obra literária de Mário Pinto de Andrade (1928-1990). Andrade estudou Letras clássicas em Lisboa e foi o primeiro presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). A problemática deste trabalho é analisar como a identidade pan-africana emerge nos discursos que circularam na obra literária de Andrade, que desde cedo se preocupou com a utilização identitária presentes no pan-africanismo (LOPES, 2013, p. 6).

Diante da impossibilidade de analisar toda obra¹ de Andrade neste trabalho, optamos por analisar as obras literárias, tendo em vista que o trajeto intelectual de Andrade se iniciou a partir delas. As obras literárias de Andrade analisadas no primeiro tópico deste trabalho são o "Caderno de poesia negra de expressão por-

tuguesa” (1953) e a “Antologia de poesia negra de expressão portuguesa” (1958); no segundo tópico, “La poésie africaine d’expression portugaise” (1969), “Antologia Temática de poesia africana: Na noite grávida dos punhais” (1976).

O procedimento metodológico utilizado para análise das fontes é a Análise do Discurso (AD). Nesta abordagem, o Discurso é compreendido como o efeito de sentido construído nos processos de interlocução presentes em um texto (BRANDÃO, 2004, p. 109). As interlocuções textuais, as quais se fundamentam na relação EU-TU, estabelecem um espaço discursivo no qual ocorrem os processos de constituição do sujeito, das identidades e das alteridades (BRANDÃO, 2004, p. 76). O sujeito discursivo é heterogêneo, uma vez que em sua voz ecoa outras vozes; é polifônico, uma vez que sua voz é oriunda de diferentes discursos e espaços sociais; e possui uma identidade mutável, plural e fragmentada (CLEUDEMAR, 2008, p. 33).

Desse modo, o sujeito e as identidades emergem nos processos contínuos de produção de discursos. Os sentidos produzidos pelos discursos ocorrem na confluência entre dois eixos: (1) na condição de produção, os discursos são formulados a partir do contexto sócio-histórico-ideológico em que o discurso é enunciado (ORLANDI, 2015, p. 30); (2) no interdiscurso, os discursos são constituídos a partir de formulações anteriores, da memória discursiva e da história, por meio dos quais um discurso se filia (ORLANDI, 2015, p. 33).

Analisaremos a confluência entre condições de produção e interdiscurso, tendo como objetivo caracterizar a emergência da identidade pan-africana nas obras de cunho literário, que Andrade participou na condição de organizador das antologias. Nossa exposição se divide em dois tópicos “Poesias negras de expressão portuguesa” e “Poesias africanas”, tendo em vista as mudanças discursivas de Andrade em sua concepção sobre a identidade pan-africana. Nosso objetivo geral é analisar as transformações da identidade pan-africana nos discursos existentes nas obras literárias de Andrade.

Poesias Negras de expressão portuguesa

As primeiras obras de Andrade foram voltadas para a literatura, haja vista sua formação inicial ser no campo das Letras. Na década de 1950, Andrade participou do Centro de Estudos Africanos (1951-1954), que contavam com a participação de Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Lúcio Lara, Francisco José Tenreiro,

Noêmia de Sousa, Alda do Espírito Santo, tendo como objetivo a crítica ao processo de assimilação cultural empreendido pelo colonialismo português.

O caderno de poesia negra de expressão portuguesa (1953) foi o resultado dessas reflexões iniciais. Na condição de organizador, Andrade fez as seguintes afirmações no prefácio:

Entretanto, abre-se um novo caminho de reconquista dos valores perdidos. O negro-africano ocidentalizado, “consumidor de civilização branca”, exprime uma atitude, num movimento formalmente cultural – a “négritude”. Agora é o novo negro que surge entre duas guerras, consciente dos problemas da sua particular alienação, a alienação colonial e reivindica o seu lugar nos quadros da vida económica, social e política. Sinceramente interessado na preparação duma síntese de civilizações, dum justo e equilibrado diálogo Europa-África, Léopold Sédar Senghor, poeta do Senegal, fiel representante da négritude, põe o problema: “Porque não unir nossas duas claridades a fim de suprimir todas as sombras? Ou, para empregar uma imagem familiar, porque razão, cultivando o nosso jardim, não enxertar o rebento europeu sobre o nosso rebento selvagem? Virtude das civilizações mestiças” (ANDRADE, 1953, p. 10).

A interdiscursividade do texto de Andrade explicitamente filia seu discurso ao movimento da negritude francesa, tendo como espaço discursivo criado pelo texto o diálogo eu-tu, respectivamente, África-Europa. O sujeito discursivo enunciado é o “novo negro”, que é marcado pelas rupturas das duas guerras mundiais e está consciente da alienação colonial, produzida pelos processos de assimilação cultural.

As condições de produção do discurso de Andrade ocorreram num período em que a “atmosfera internacional da guerra” pôs em xeque a ideia de superioridade da civilização branca e ocidental, emergindo um forte desejo de afirmação duma nova identidade negra (MUNANGA, 2009, p. 55).

O “novo negro”, conforme a concepção da negritude Senghoriana no texto de Mário, pressupõe a recusa da tese do isolamento do negro-africano em sua própria cultura, sendo necessária a construção de uma base cultural dialógica entre África e Europa. Andrade subscreve a tese de Senghor de longo prazo para o “novo negro”, mas para o médio e curto prazo, é necessário “reencontrar os valores nativos destruídos, necessidade de se readaptar ao seu ambiente, necessidade de gritar a sua presença no mundo” (ANDRADE, 1953, p. 10-11).

Essa nova identidade negra, nova “presença no mundo” ou negritude era capaz de ser transmitida nas poesias e recepcionada em diferentes espaços sociais, a partir da capacidade de transmissão do calor emocional das realidades negras, qualquer que sejam as concepções de suas formas poéticas (ANDRADE, 1953, p. 11). Vejamos o gesto de interpretação de Andrade para caracterizar a

emergência da negritude na diáspora:

Em Cuba, os poetas negros puderam permanecer muito tempo ainda embalados somente pelo “ritmo y color” do seu folclore cantar a sua terra “mulata” de africano e espanhol (Santa Bárbara dum lado, do outro Changó). Só em 1930 e outros para além da recriação das mais puras formas líricas do canto Yoruba iniciaram de facto um movimento poético de sentido social e descobriram a sua “négritude”. Eis concluindo, os pequenos dados para a interpretação das diferentes características da Poesia Negra. Este caderno é, em última análise, a expressão duma ansiedade; possam todas compreendê-la e amá-la. (ANDRADE, 1953, p. 12-13).

A negritude em Andrade, portanto, é um fenômeno que emerge a partir da consciência das realidades sociais específicas de africanos e de descendentes africanos, da revolta e da exigência de mudança dessas realidades sociais. O poema *Aspiração* de Agostinho Neto expressa “E nas senzalas / nas casas / nos subúrbios das cidades / para lá das linhas” / nos recantos escuros das casas ricas / onde os negros murmuram: ainda / o meu Desejo / transformado em força / inspirando as consciências desesperadas” (ANDRADE, 1953, p. 21-22). O poema propõe a mudança do murmúrio para a força, que o “novo negro” deve aspirar.

Andrade continua a reflexão sobre a negritude ainda na “Antologia de poesia negra de expressão portuguesa” no ano de 1958. Seu prefácio intitulado “Cultura negro-africana e assimilação” aborda a questão dos problemas enfrentados pela cultura negro-africana nos seguintes termos:

Nunca repetiremos demasiado com Frobenius que a ideia do negro bárbaro, incapaz de criar formas de civilização é uma invenção europeia. Mas o debate actual sobre a cultura negro-africana (ou sobre culturas negro-africanas, cuja área abrange a África e parte das Américas) ultrapassam plano duma afirmação pura e simples dos valores negros ou do reconhecimento de civilizações que floresceram no continente africano ou ainda da contribuição desses valores no enriquecimento de outras culturas ditas superiores. Os intelectuais negros situam a questão noutra plano e numa outra perspectiva: a) das relações entre o poder e a cultura, isto é, do condicionamento político das culturas negras; b) das possibilidades duma renascença dos valores culturais negros e sua integração no património universal (ANDRADE, 1958, p. 01-02).

Ao invés de gritar a presença do “novo negro” ou de afirmar os valores negro-africanos, como Andrade defendeu em 1953, o intelectual negro agora se questiona como realizar o renascimento dos valores culturais negros ou quais os condicionamentos políticos que são impingidos as culturas negro-africanas. Andrade salienta que

Assim é que as possibilidades duma renascença negro-africana só podem ser encaradas numa situação política de independência nacional. Todas as renovações culturais da história se colocam a prazo mais ou menos em termos duma emancipação, levada a cabo pelos interessados” (ANDRADE, 1958, p. 2).

Entre os anos de 1957 e 1960, a questão da emancipação política, das formas de luta violenta, tese defendida por Fanon, e não violenta, tese defendida por Senghor, e da assimilação cultural estava ocorrendo no Movimento Anticolonialista (MAC) do qual participaram Andrade, Amílcar Cabral, Lúcio Lara e Marcelinho dos Santos, mas ainda sem uma posição definida sobre qual forma de luta (ANDRADE, 1997, p. 144). Vejamos o impacto social da política de assimilação cultural nas palavras de Mário:

De qualquer modo, a assimilação traduz-se sempre na prática por uma desestruturação social dos quadros negro-africanos e pela criação em número reduzido da elite assimilada. No caso português, a assimilação apresenta-se como uma receita mágica (a única) que permite fazer sair o indígena, o negro-africano, “trevas da sua ignorância” para entrar no “santuário do saber”. Uma forma de passagem do não-ser ao ser cultural, para empregar a linguagem de Hegel. O problema hoje é de saber como vai reagir o homem assimilado nessa situação artificial, parasitária de desenraizado. Como se vai afirmar? Fugindo do convívio com o indígena? Perdendo-se ao contacto com as “luzes brilhantes da civilização”? Aceitando e aprofundando a sua pseudo-condição de “mestiço cultural”? Uma tarefa se impõe, a meu ver, no momento histórico que atravessamos, para responder justamente a essas interrogações, que é a de retomar, esquadrihar no nosso passado as correntes de afirmação, da tomada de consciência, através de atitudes individuais e dos movimentos culturais que se foram desenvolvendo, diante do problema da cultura negro-africana e da assimilação. Isto, em cada um dos territórios, onde a língua portuguesa se implantou, como única forma de expressão escrita, oficial e autorizada. Tarefa que não estando ora nos meus propósitos, proponho à juventude africana (ANDRADE, 1958, p. 06-07).

Mário socialmente fazia parte da elite assimilada, tendo inclusive identidade de assimilado. Depreende-se de seu questionamento que ele rejeita tanto a identidade cultural de assimilado quanto de mestiço cultural. Sua resposta subscreve a tese de que é a história das sucessivas tomadas de consciência desse dilema presente entre cultura negro-africana e assimilação que será capaz de responder de forma satisfatória essa questão. Para a geração de Mário, o dilema da cultura negro-africana e assimilação se apresentam da seguinte maneira:

De expressão inglesa, francesa ou portuguesa, os novos poetas negro-africanos orientam-se no sentido duma pesquisa literária “autenticamente negra” duma reivindicação “do orgulho escandaloso da qualidade de ser negro”, com maior ou menor felicidade se alimentam dum só tema: a noite da opressão colonial. Donde o engajamento político, revolucionário desta poesia que fere a sensibilidade de tanto esteta ocidental... Condenada a atingir apenas as minorias africanas, quem ignora que esta poesia terá de ceder lugar a uma outra, ritmada na “linguagem nova do futuro”. Quanto às produções poéticas da África Negra sob administração portuguesa, elas desafiam a eficiência duma política de cinco séculos de “assimilação espiritual”. Em vez de cantarem a integração numa comunidade estranha à personalidade africana, os novos poetas gritam: Criar criar / criar liberdade nas estradas escravas/ algemas de amor nos caminhos paganzados do amor/ sons festivos sobre o balanceio dos corpos em forcas

simuladas/ criar/ criar amor com os olhos secos (ANDRADE, 1958, p. 08-09).

A reflexão de Mário nesse texto introdutório da Antologia reflete já um momento de transição entre a negritude, enquanto pan-africanismo cultural, para um tipo de pan-africanismo mais político e revolucionário. Os versos citados no final do excerto de Agostinho Neto expressam o ímpeto da ação política em “criar liberdade nas estradas escravas”. Essa ação de criar liberdade envolve também processos de renovação cultural, que como dito anteriormente, necessita em alguns momentos da história de uma “emancipação levada a cabo pelos interessados”.

Importante salientar que a discussão sobre emancipação presente na ideia de independência nacional é discutida em conjunto com a noção de Personalidade Africana. A antologia foi lançada no segundo semestre do ano de 1958, quando Gana já tinha se tornado independente em 1957, quando tinha já ocorrido a I Conferência dos Estados Independentes em África e quando ocorria às negociações para a formação da União dos Estados africanos, Gana-Guiné-Mali.

O conceito de Personalidade Africana na época foi objeto de profundas discussões na Conferência dos Estados Independentes de África sediada em Acra no mês de Abril de 1958. Essa conferência deu contornos mais geopolítico e geohistórico a noção de Personalidade Africana, defendendo uma concertação em matéria de política externa como o não-alinhamento, a soberania e a integridade territorial. Todavia, o conteúdo de Personalidade Africana ainda não aparece de forma precisa nos discursos de Andrade. Ele seria objeto de reflexão e de maturação, na medida em que tomava curso à organização da luta de libertação nacional nas colônias portuguesas.

Poesias Africanas

O início do processo de libertação nacional iniciado em 1961 foi um acontecimento histórico que teve forte impacto nos acontecimentos discursivos que emergiram nos textos de Andrade. A primeira observação importante no prefácio da obra Poesia Africana de Expressão Portuguesa, publicado inicialmente em 1967 em francês com versão portuguesa apenas em 1969, é a substituição do título “poesia negra de expressão portuguesa”, utilizada nas antologias de 1953 e de 1958, para “poesia africana de expressão portuguesa”.

Este artigo marca um momento de inflexão nos discursos de Andrade, uma vez que durante o processo de libertação nacional ele refletiu sobre as insuficiências teóricas de uma identidade fundamentada no pan-africanismo cultural da negritude, sustentado essa tese a partir de uma análise temporal das fases da poesia negra de expressão portuguesa. Para Andrade (1967, p. 20), “a primeira é a fase da negritude, entendida como recusa de assimilação, ou para usar os termos de Césaire, como postulação irritada e impaciente da fraternidade”, sendo a recusa da assimilação cultural, promovida pelo colonialismo, o início da formação do espírito nacional. Essa primeira fase da expressão poética africana surge a partir do grito da negritude, a fim de criar um sujeito novo e a formação de uma nova identidade ou nova “fraternidade”. Em seguida, a segunda fase é o momento de transição causada pela ampliação da negritude, que vai sendo moldada pelas condições concretas de cada colônia, pelas realidades sociais e pelos “contornos nacionais” (ANDRADE, 1967, p. 22).

Por último, a terceira fase da poesia africana de expressão portuguesa é a poesia de resistência nacional, na qual tema, conteúdo e linguagem exaltam a resistência do povo no processo de libertação nacional, por exemplo, “(...). Costa Andrade desafia este mundo indiferente a um ato da tragédia angolana: Na terra / há 50.000 mortes que ninguém chorou / ninguém...” (ANDRADE, 1967, p. 24). Outro exemplo de poesia de resistência nacional é o poema “Chegou a hora” de Kaoberdiano Dambará, publicado na antologia temática de poesia africana na noite grávida de punhais, que diz

Ergue-te e caminha filho de África / ergue-te negro escuta o clamor do povo: / África
Justiça Liberdade. Escuta o grito do povo clamando / na Assistência Pública / no funco [Cabana] / nos cemitério nos campos sem chuva / nos ventres torcidos de fome /
Abandona funco mãe irmão / tudo / toma consciência sobe para as montanhas / finca os pés na terra pega em armas / Brande o ferro no cimo dos montes / com fome ou abundância guerra ou paz / luta pela liberdade da tua terra (ANDRADE, 1980, p. 257).

A poesia de resistência nacional não é o único movimento poético presente nesse período. Andrade critica o autoexotismo do movimento poético de Geraldo Bessa Victorⁱⁱ, uma vez que apreende as experiências culturais africanas com o olhar do poeta colonial, e o intimismo de Mario Antonioⁱⁱⁱ, uma vez que o poeta permanece preso na angústia individual da sociedade colonial. A poesia de Geraldo Bessa Victor busca criar um meio-termo entre a identidade angolana e portuguesa em seu fazer poético, assumindo contornos lusotropicalistas

(SANTOS, 2006). Já a poesia de Mário Antônio encara as contradições da realidade objetiva de maneira interiorizada com características escapistas e o confronto com a Europa, presente na noção de negritude, apresenta dimensão interiorizada (HAMILTON, 1981, p. 110-111).

Ao contrário desses movimentos, a poesia de resistência nacional enfatiza a iniciativa popular na retomada da libertação nacional (ANDRADE, 1967, p. 27). Para Andrade, essas duas vertentes poéticas não conduziam a tomada de consciência tampouco a práxis política, que para Andrade, subscrevendo as teses de Fanon defendida no Congresso de Roma (1959), era a obra cultural por excelência.

As condições de produção dos discursos de Andrade pós-1967, quando ele publicou “poesia africana de expressão portuguesa” foram marcadas pela reflexão sobre as insuficiências teóricas do conceito de negritude, em virtude do processo de libertação nacional nas colônias portuguesas. Para Andrade, o livre desenvolvimento da cultura nacional necessita da libertação da matriz material. A esse respeito, Fanon em comunicação no Congresso de Roma de 1959 salienta que

É em torno da luta dos povos que a cultura negro-africana se adensa e não em torno de cânticos, poemas ou folclore; Senghor, que também é membro da sociedade africana de Cultura, e que trabalhou conosco sobre a questão da cultura africana, também não hesitou dar ordens à sua delegação para apoiar as teses francesas a respeito da Argélia. A adesão à cultura negro-africana, à unidade cultural da África, passa primeiro por um apoio incondicional à luta de libertação dos povos. Não se pode querer o florescimento da cultura africana se não se contribui concretamente para a existência das condições dessa cultura, isto é, para a libertação do continente (FANON, 2005, p. 270).

A cultura para Mário dialoga com essa concepção de cultura de Fanon, uma vez que a dimensão cultural gira em torno da luta dos povos pela libertação nacional. Por isso que a identidade cultural fundamentada nas concepções de negritude tornou-se cada vez mais insuficiente para pensar “as crises das culturas negras”, na medida em que a libertação da matriz material exige a união com outros povos, não se restringindo apenas aos negros do continente africano ou da diáspora.

A substituição do termo “poesia negra” por “poesia africana” evidencia a emergência de novas formas de solidariedade política e de unidade, em outras palavras, de uma nova identidade pan-africana. Andrade e Fanon participaram do Congresso de Roma de 1959, que adotou a resolução final “Unidade e Independência”, subscrevendo a tese de que a unidade e a luta contra o imperialismo en-

riquece a cultura nacional (SANTOS, 1968, p. 216). Para Mário, o desenvolvimento da cultura nacional se articula com a noção política de Terceiro Mundo. Nesse sentido,

À luz da evolução política do Terceiro Mundo, muitas pessoas questionam a validade de um conceito que, nos anos 1930, fundou a ideologia da revolta de um setor importante da intelligentsia africana e Caribenha. O poeta Aimé Césaire, que sempre tem a nobre preocupação de nos lembrar do contexto histórico da emergência da negritude, considera que na época significava uma “postulação irritada e impaciente da fraternidade” (ANDRADE, 1968, p. 163).^{iv}

A emergência das lutas de libertação nacional entre os negros-africanos inseriu o conteúdo nacional e social, no sentido de acesso aos bens materiais, recursos humanos e naturais, na noção de negritude. Esses acontecimentos históricos promoveram deslocamentos nas práticas discursivas dos sujeitos envolvidos na luta de libertação nacional, na medida em que os conceitos de negritude e terceiro mundo remetem a formações ideológicas distintas.

Este deslocamento no eixo do interdiscurso, isto é, no modo pelo qual o discurso se constitui e se relaciona com outros discursos promove novas filiações nos discursos, novas configurações sociais e novos modos de conceber o sujeito e as identidades. Desse modo, “Aqui estamos, portanto, num momento de superação da negritude” (ANDRADE, 1968, p. 164).^v Para Andrade, a luta de libertação dos povos africanos levou a novas formas de identidade pan-africana

o debate que se inicia é de fundamental importância para a reavaliação ideológica de um conceito que deixou de refletir a realidade viva da África e a condição negra no novo mundo, considerando que as exigências de nosso tempo exigem a inserção das realidades específicas no quadro do combate anti-imperialista. Obviamente, o discurso da negritude anunciava a tomada de consciência do homem negro, mas não é evidente hoje que a “práxis revolucionária coletiva” dá lugar a “paciência dinâmica”? (ANDRADE, 1968, p. 164).^{vi}

Os discursos fundamentados na negritude foram de suma importância para a tomada de consciência dos negro-africanos e dos negros da diáspora, sobretudo dos grupos sociais que tiveram acesso à educação superior e que compunham a elite “assimilada”. Todavia, as lutas de libertação nacional no continente africano e a luta pelos direitos sociais dos negros da diáspora nos países independentes no continente americano forneceram novos quadros teóricos para a reflexão sobre os princípios norteadores da libertação dos povos africanos. Nesse sentido, Andrade propõe que a identidade pan-africana fundamentada na negritude não

corresponderia mais as exigências do novo tempo, uma vez que

Está ficando mais claro que nosso tempo é caracterizado pelo confronto entre as forças populares dos países subdesenvolvidos e o imperialismo. Esse confronto, que em grande parte do Terceiro Mundo ocorre sob a forma de uma guerra progressiva de libertação, modifica os termos e a natureza do intercâmbio de culturas com as quais está associado à cultura ocidental. Acreditamos que o eixo central de nossa ação, nessa luta tricontinental pelo desenvolvimento cultural de nossos povos, não reside mais no apelo à compreensão do Ocidente sobre nossas diferenças ou nossa especificidade. Para consolidar as nações, para aprofundar as opções revolucionárias, esse parece ser o preço da nossa participação no humanismo democrático e universal. Em outras palavras, a renovação dos contatos culturais e a interpenetração das civilizações passam agora pelo encontro de fatos revolucionários. (ANDRADE, 1968, p. 165).^{vii}

Andrade, nesse momento, subscreve a tese de que os fatos revolucionários contidos nas lutas dos povos africanos, sul-americanos e asiáticos contra o imperialismo e contra o subdesenvolvimento é o caminho para o desenvolvimento cultural dos povos oprimidos. Os fatos revolucionários, portanto, contidos nas lutas dos povos do Terceiro Mundo conduzem a novas formas de identidade pan-africana.

Considerações finais

As transformações discursivas da concepção de identidade pan-africana em Andrade evidenciam um deslocamento do sujeito discursivo, inicialmente, filiado ao pan-africanismo cultural da negritude na década de 50 em suas duas primeiras antologias, posteriormente, filiado ao pan-africanismo político oriundo do nacionalismo e do terceiro-mundismo na década de 60. Esse deslocamento foi também acompanhado em suas práxis política, quando ele participou da I Conferência dos Escritores Afro-asiáticos (1958) em Tachkent, da Conferência de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos em Conakry (1960) e da Conferência Tricontinental de 1966.

Essa transformação identitária pan-africana ocorreu em meio a intensos fluxos e tensões entre processos históricos e discursivos, que deixaram suas marcas nos textos analisados; por exemplo, na mudança de “poesia negra” para “poesia africana” nas obras literárias de Andrade ou na reflexão de Andrade sobre o Congresso Cultural de Havana de 1966, quando ele utiliza a expressão “Acreditamos que o eixo central de nossa ação, nessa luta tricontinental pelo desenvolvimento cultural de nossos povos (...)”, enunciando sua identidade política pan-africana e

ecoando as vozes coletivas da luta tricontinental. Importantes alientar que outras formas de identidade política pan-africana eram enunciadas neste período, por exemplo, Nkrumah defendia que esta nova identidade política pan-africana deveria se limitar naquela conjuntura apenas ao continente africano.

Por último, para trabalhos futuros, é importante considerar os trabalhos sociológicos e historiográficos de Andrade para compreender como discursivamente ele imagina sua concepção de identidade pan-africana na interpretação dos fatos históricos ocorridos durante e após o processo de libertação nacional.

Referências

- ANDRADE, Mario Pinto de. **Poesia Negra de Expressão Portuguesa**. Fundação Mário Soares, 1953. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04354.006.002>>. Acesso em: 23 Abril 2019.
- ANDRADE, Mário Pinto de. **Cultura Negro-Africano e Assimilação**. Lisboa: Fundação Mário Soares, 1958. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04306.002.002#!1>>. Acesso em: 25 Abril 2019.
- _____. **A Poesia Africana de Expressão Portuguesa - Evolução e tendências actuais**. Fundação Mário Soares, 1967. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04306.002.004>>. Acesso em: 26 Abril 2019.
- _____. **Réflexions autour du Congrès de la Havane**. Présence Africaine, Paris, n. 65, p.156-165, Jan./Mar. 1968. Acesso em: 25 Abril 2019.
- _____. **Antologia Temática de Poesia Africana**: Na noite grávida de punhais. 3ª. ed. v.1. Instituto Caboverdeano do Livro. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1980.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ª. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **O pensamento africano subsaariano**: conexões e paralelos com o pensamento latino-americano e o asiático. Rio de Janeiro: CLACSO-EDUCAM, 2008.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: Reflexões Introdutórias. São Paulo: Editora Claraluz, 2008.
- HAMILTON, Russel G. **Literatura Africana, Literatura necessária**. Lisboa: Edições 70, v.1, 1981.
- KODJO, Edem; CHAINAWA, David. Pan-africanismo e libertação. In: A. A. M. **História Geral da África**: África desde 1935. Brasília: Unesco, v. VIII, 2010. Cap. 25, p. 897-924.

LABAN, Michel. **Mário Pinto de Andrade uma entrevista**. 1ª. ed. Lisboa: Edições João Sáda Costa Lisboa, 1997.

LOPES, Carlos. **Amílcar Cabral como promotor do pan-africanismo**. Disponível em:

<[https://www.uneca.org/sites/default/files/LopesWritings/amilcar_cabral_como_promo-](https://www.uneca.org/sites/default/files/LopesWritings/amilcar_cabral_como_promotor_do)

[_pan-africanismo.pdf](https://www.uneca.org/sites/default/files/LopesWritings/amilcar_cabral_como_promotor_do_pan-africanismo.pdf)>. Acesso em: 16 mar. 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NAVARRO ALVARADO, Guillermo Antonio. África deve-se unir: a formação da teoréticada unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos pan-negristas e pan-africanos (séculos XVIII - XX). Tese Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 1).

ORLANDI, Enni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 10ª. ed. Campinas: Editora Pontes, 2015.

SANTOS, Donizeth Aparecido dos. D. O Período de “quase não Literatura” em Angola.

Interletras, Campo Grande, Jan./Jun. 2006.

SANTOS, Eduardo dos. **Pan-africanismo de ontem e de hoje**. Lisboa: Edição do autor, 1968.